

Usos linguísticos no ambiente virtual: contribuições para o *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3841>

Elisandra Benedita Szubris¹

Fernando Jesus da Silva²

Resumo

Este artigo integra as ações do projeto Linguística na Fronteira Brasil/Bolívia – LINFRON e dialoga com a elaboração do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*, cujo objetivo é dar visibilidade aos usos linguísticos e aos sentidos compartilhados na região de fronteira, especialmente nas cidades gêmeas Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia). O estudo focaliza a lexia *xômano* e seus derivados, tomada como um traço do falar dos moradores da baixada cuiabana e de Cáceres que vem ganhando circulação na paisagem linguística virtual por meio de redes sociais, *sites* e outras plataformas digitais da região. A partir de uma perspectiva que articula paisagem linguística e contato linguístico, analisamos como esse item lexical se insere em práticas discursivas contemporâneas e como sua circulação contribui para a construção e a reafirmação da identidade cacerense.

Palavras-chave: usos linguísticos; fronteira; paisagem linguística.

1 Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil; elisandra.benedita@unemat.br; <https://orcid.org/0000-0001-6217-2367>

2 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Cáceres, Mato Grosso do Sul, Brasil; fernando.silva1@ufmt.br; <https://orcid.org/0000-0003-2307-2528>

Usos lingüísticos en un contexto virtual: contribuciones al *Glosario de Palabras Habladas en la Frontera Oeste de Brasil*

Resumen

Este artículo forma parte de las acciones del proyecto Lingüística en la Frontera Brasil/Bolivia – LINFRON y dialoga con la elaboración del *Glosario de Palabras Habladas en la Frontera Oeste de Brasil*, cuyo objetivo es dar visibilidad a los usos lingüísticos y a los sentidos compartidos en la región fronteriza, especialmente en las ciudades gemelas de Cáceres (Brasil) y San Matías (Bolivia). El estudio se centra en la lexía *xômano* y sus derivados, tomada como un rasgo del habla de los habitantes de la bajada cuiabana y de Cáceres, que ha ido ganando circulación en el paisaje lingüístico virtual a través de redes sociales, sitios web y otras plataformas digitales de la región. Desde una perspectiva que articula paisaje lingüístico y contacto lingüístico, analizamos cómo este ítem lexico se inserta en prácticas discursivas contemporáneas y cómo su circulación contribuye a la construcción y reafirmación de la identidad cacerense.

Palabras clave: usos lingüísticos; frontera; paisaje lingüístico.

Introdução

O Projeto Linguística na Fronteira Brasil–Bolívia, doravante Projeto LINFRON, tem como objetivo promover a produção e circulação de conhecimentos sobre diferentes aspectos lingüísticos, históricos, sociais e culturais da fronteira Brasil–Bolívia. Nesse contexto, as pesquisas em desenvolvimento pelos integrantes do projeto buscam compreender como se organizam as representações lingüísticas do léxico compartilhado entre falantes, bem como descrever os fenômenos lingüísticos presentes nesse espaço.

Entre as iniciativas em andamento, destaca-se a elaboração do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*, destinado a registrar, sistematizar e valorizar a diversidade lexical característica dessa região. Dentre os vocábulos incluídos no glossário, destaca-se *xômano*, cuja circulação, usos e variantes serão objeto de análise detalhada ao longo deste trabalho, permitindo investigar suas funções identitárias e seu papel na paisagem lingüística local.

As pesquisas do LINFRON voltam-se especialmente para as cidades gêmeas de Cáceres, no estado de Mato Grosso, Brasil, e San Matias, no departamento de Santa Cruz, Bolívia, localidades situadas na faixa de fronteira oeste brasileira e caracterizadas por intensas relações de mobilidade, comércio, vínculos familiares e intercâmbios culturais. Essas dinâmicas favorecem situações recorrentes de contato social e lingüístico, nas quais circulam variedades do português e do espanhol, além de práticas discursivas híbridas e repertórios compartilhados que marcam a experiência fronteiriça.

Embora o projeto contemple esse espaço transfronteiriço de forma ampla, nosso objetivo concentra-se sobre o município de Cáceres, e por extensão a baixada cuiabana³, observando-se como usos linguísticos⁴ regionais, neste caso, especificamente o vocábulo *xômano* e suas variantes, se manifestam e ganham visibilidade no ambiente virtual.

Em estudo recente, Macedo-Karim e Szubris (2024) observaram um progressivo movimento de palavras, expressões da variedade cacerense em *sites* jornalísticos, comerciais, *blogs*, perfis, aplicativos, sobretudo em redes sociais, tais como, Whatsapp, Facebook e Instagram. Essa circulação visibiliza a apropriação de formas linguísticas locais no espaço virtual, ampliando sua visibilidade e consolidando seu papel identitário na comunidade cacerense.

Entende-se paisagem linguística, neste trabalho, como o conjunto de manifestações visíveis da língua em espaços sociais, constituído por inscrições, palavras, sinais e textos que circulam tanto em ambientes físicos, como fachadas, placas, muros e materiais de divulgação, quanto em ambientes virtuais, como redes sociais, *sites* e outras plataformas digitais. Essa perspectiva considera a paisagem linguística como prática social que produz sentidos e que demonstra relações de poder, identidades e dinâmicas de contato linguístico (Weinreich, 1953; Landry; Bourhis, 1997; Thomason, 2010). Assim, os usos linguísticos observados são compreendidos como formas de representação simbólica dos grupos sociais, revelando processos de pertencimento, valorização cultural e construção identitária, especialmente em contextos fronteiriços marcados pela circulação e pelo contato entre línguas.

O contato linguístico e a paisagem linguística estão intimamente relacionados no contexto virtual, pois o ambiente virtual funciona como espaço de circulação e visibilidade de usos linguísticos resultantes de interações entre falantes de diferentes línguas ou variedades. O contato linguístico promove mudanças lexicais, adaptações e novas formas de significação, enquanto a paisagem linguística representa a materialização visual dessas práticas em plataformas digitais. Essa relação permite compreender os usos linguísticos de forma mais completa, ressaltando quais formas são empregadas, como circulam e como são apropriadas e ressignificadas pelos falantes. A análise da paisagem linguística virtual, portanto, oferece um retrato dinâmico das transformações

3 A baixada cuiabana é uma região geográfica do estado de Mato Grosso, abrangendo, entre outros municípios, Cuiabá, Várzea Grande, Santo Antônio de Leverger, Chapada dos Guimarães e Poconé, e integrada à Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá. A Baixada Cuiabana representa um dos núcleos de ocupação histórica e dinamismo sociocultural do estado, configurando um espaço geográfico marcante no contexto da fronteira oeste brasileira (Macedo-Karim, 2012).

4 Usos linguísticos são formas concretas de emprego da língua em situações reais de interação, envolvendo escolhas fonéticas, lexicais, morfossintáticas e discursivas realizadas pelos falantes. O termo refere-se à língua em funcionamento social, marcada por contextos culturais, históricos e identitários, e não apenas ao sistema abstrato da língua (Macedo-Karim; Szubris, 2024).

linguísticas e identitárias em contextos de fronteira, onde a interação constante entre línguas e comunidades molda práticas comunicativas e reforça identidades locais.

O contato linguístico e a paisagem linguística

O contato linguístico é compreendido como a interação sistemática entre falantes de línguas ou variedades diferentes, fenômeno que pode gerar mudanças fonéticas, lexicais, morfossintáticas e discursivas nas línguas envolvidas (Weinreich, 1953; Winford, 2003). Desde os estudos clássicos de Weinreich, que definiram o contato linguístico como motor de empréstimos e adaptações linguísticas, até pesquisas contemporâneas, o conceito foi ampliado para incluir além de efeitos formais na língua, as dimensões sociais, culturais e identitárias (Thomason, 2010; Heine, 2005). O contato linguístico, portanto, não se restringe à alteração estrutural, mas envolve práticas sociais, atitudes linguísticas e processos de construção de pertencimento, especialmente em contextos fronteiriços ou multiculturais, nos quais diferentes línguas coexistem e interagem de maneira dinâmica.

Por outro lado, a paisagem linguística tem sido concebida como a manifestação visível da língua nos espaços sociais, incluindo placas, fachadas, muros, cartazes, anúncios e, mais recentemente, conteúdos digitais, como *posts*, *hashtags*, memes e vídeos em redes sociais (Landry; Bourhis, 1997; Gorter, 2013). Originalmente estudada para compreender a presença material das línguas em cidades e territórios, a paisagem linguística passou a ser uma ferramenta analítica que identifica práticas sociais, relações de poder e processos de identidade. Em outras palavras, ela permite observar como os falantes materializam e legitimam usos linguísticos em diferentes contextos, físicos ou digitais.

A articulação entre contato linguístico e paisagem linguística tem se mostrado particularmente relevante na análise de usos linguísticos contemporâneos. Nos ambientes digitais, o contato entre línguas e variedades é intensificado, já que falantes de diferentes localidades podem interagir instantaneamente por meio de redes sociais. O espaço virtual funciona como uma paisagem linguística expandida, na qual os usos circulam mais rapidamente, sofrem ressignificação e se consolidam como marcadores identitários. Assim, a combinação desses dois conceitos possibilita compreender como palavras, expressões e formas linguísticas locais se difundem, se transformam e são apropriadas por diferentes comunidades, revelando padrões de circulação, estratégias comunicativas e a construção de sentidos culturais e sociais.

Essa perspectiva integrada permite analisar como o vocábulo *xômano* e seus derivados, tais como *xômana(s)* e *xomanita(s)*, são percebidos, apropriados e ressignificados. Segundo Gorter (2013), a paisagem linguística virtual contribui para que a língua se torne um recurso estratégico de identidade, pertencimento e memória cultural, logo, não se trata apenas de circulação de *xômano*, mas dos efeitos que produz sobre os cacerenses.

Xômano é uma forma lexical associada ao modo regional de designar o “homem”, especialmente aquele identificado como pertencente ao universo cultural local, carregando valor afetivo, identitário e de reconhecimento social. O elemento *xô*, pronunciado [tʃo], tem origem histórica na forma “*sinhô*” (variante popular de *senhor*), amplamente utilizada em variedades do português brasileiro, sobretudo em contextos rurais e interioranos, como forma de tratamento respeitosa ou de referência a homens.

Processos fonético-fonológicos característicos da oralidade, como redução silábica, palatalização e simplificação da forma, teriam contribuído para a evolução de *sinhô* → *nhô* → *xô/tchô* em determinados falares regionais. Assim, o que antes era um tratamento ou referência respeitosa passa a integrar a formação lexical de novas palavras, como *xômano*, nas quais o elemento assume valor identitário e regional. De acordo com Macedo-Karim (2012, p. 162):

[...] variedade mato-grossense teria como base a variedade do português medieval falado pelos bandeirantes colonizadores que contribuíram para a expansão da língua portuguesa na fronteira oeste. Nesse sentido, a presença da consoante africada [tʃ], em Cáceres, se explica por ser um traço em uso em regiões onde a colonização foi mais intensa e que ficaram isoladas dos centros urbanos por um longo tempo.

A realização da consoante fricativa pós-alveolar [ʃ] como africada [tʃ], fenômeno que se situa no nível segmental, isto é, trata-se de uma variação na qualidade do som consonantal e não de alteração silábica, que ocorre, por exemplo, na forma “*xô*”, que, embora graficamente associada ao som [ʃ], é pronunciada localmente como [tʃo] (“*tchô*”). Esse uso linguístico circula amplamente em Cáceres, Cuiabá e Várzea Grande, cidades que compartilham características do falar regional, dadas as relações históricas, sociais e econômicas que as aproximam.

Essa observação, fundamentada nos dados empíricos analisados neste estudo, dialoga com pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas na região a partir dos trabalhos de Macedo-Karim (2012, 2014), que descrevem variações fonéticas e gramaticais no português falado em Cáceres sob a perspectiva da variação linguística, com base em dados de fala e metodologia sociolinguística. Tais estudos concluem que o português local apresenta realizações variáveis sistemáticas, reforçando a interpretação de que esse fenômeno integra o conjunto de práticas linguísticas observáveis na comunidade.

O uso dos termos *tchá* e *tchô* para se referir a “senhora” e “senhor”, e que também aparecem com valor de pronome possessivo, como “seu” e “sua”, é recorrente na fala de pessoas mais velhas e de nativos da cidade de Cáceres e da baixada cuiabana. Historicamente, essas expressões sempre foram alvo de preconceito linguístico e estigmatização, sendo associadas a um falar considerado “feio”. Essa situação gerou

sentimentos de vergonha entre os próprios moradores, que, por muito tempo, evitavam usar essas formas em contextos formais ou diante de pessoas de fora, refletindo uma espécie de desconforto em se identificar como cacerense ou cuiabano. Assim, esses usos linguísticos funcionaram como variantes e indicadores de identidade regional marginalizada, reforçando dinâmicas de poder e hierarquias sociais em relação ao que é considerado “falar correto” ou prestigioso.

Dessa maneira, buscamos, neste artigo, analisar *xômano* e seus derivados, observando os seus efeitos nos modos como circulam no espaço virtual. Em cada exemplo a ser analisado, descrevemos o fenômeno, os contextos de uso e o tipo de publicação em que essas formas ocorrem. Para a organização do *corpus* e a descrição das variáveis linguísticas, fundamentamo-nos teórico-metodologicamente em Landry e Bourhis (1997), Hall (2006), Gorter (2013), Silva (2022) e Macedo-Karim e Szubris (2024). Consideramos, nas análises, os contextos de circulação dessas formas, que apresentam a manutenção de traços linguísticos locais em interação com novos usos e sentidos em circulação na contemporaneidade.

Cáceres-MT: contato, identidade e circulação

A cidade de Cáceres está localizada a 240 km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da cidade boliviana de San Matías, com a qual faz fronteira. A cidade foi fundada em 6 de outubro de 1778, sob o nome de Vila Maria do Paraguay.

A fundação de Vila Maria foi pensada estrategicamente para estabelecer uma conexão efetiva entre a Vila de Cuiabá e a capital Vila Bela da Santíssima Trindade. A Coroa portuguesa, que já havia intensificado o domínio com o povoamento nas fronteiras do Oeste brasileiro, faz fundar a Vila Maria, no caminho/entrepasto dessas duas importantes vilas, em homenagem à D. Maria, rainha de Portugal (Szubris, 2014, p. 24).

Em 1874, a Vila Maria do Paraguay, ao ser elevada à categoria de cidade, é renomeada sob o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro e ao fundador da cidade, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e, mais tarde, em 1938, passou a se chamar Cáceres.

Sob os traços linguísticos presentes na cidade, Silva (2022, p. 61) afirma que eles indicam um intenso processo de empréstimos e convergências linguísticas, resultados de contatos históricos entre portugueses e espanhóis e, em momento posterior, entre brasileiros, bolivianos e etnias indígenas. Esse cenário de contato contribuiu para a formação de uma variedade de português falada na fronteira com a Bolívia, neste caso, do português falado em Cáceres, doravante, variedade cacerense.

A fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matias (Bolívia) constitui um espaço social marcado por intensas interações culturais, econômicas e comunicativas, configurando um cenário típico de contato linguístico. Nessa região, o português brasileiro e o espanhol boliviano coexistem em práticas cotidianas, produzindo situações de bilinguismo, alternância de códigos, empréstimos e ressignificações lexicais. Conforme discute Silva (2022), ao analisar práticas linguísticas na fronteira Cáceres–San Matias, esse território deve ser compreendido como uma zona de circulação linguística e simbólica, na qual os falantes mobilizam recursos de diferentes línguas em função das situações de uso, demonstrando a natureza dinâmica e relacional das práticas de linguagem nesse espaço.

O contato linguístico, nesse sentido, não se restringe à presença simultânea de dois sistemas linguísticos, mas envolve processos de circulação de formas, sentidos e identidades. As palavras que emergem ou ganham novos usos na fronteira refletem experiências compartilhadas por falantes que transitam entre diferentes repertórios linguísticos e culturais. Esse cenário favorece a emergência de formas híbridas, adaptações fonéticas e semânticas e a ampliação dos significados sociais atribuídos a determinados itens lexicais, fenômenos também observados por Silva (2022) ao tratar da paisagem linguística e das práticas discursivas nesse contexto fronteiriço.

Para além da dimensão descritiva dos signos, adotamos uma perspectiva que entende a paisagem linguística como prática social e simbólica, por meio da qual se expressam relações de poder, processos identitários e dinâmicas de contato linguístico, especialmente relevantes em contextos fronteiriços. Assim, a paisagem linguística é tomada, neste trabalho como espaço discursivo em que línguas, sujeitos e culturas se tornam visíveis, negociando pertencimentos e produzindo sentidos sobre o território.

A fronteira não é apenas um limite geopolítico, mas um espaço de convergência simbólica, no qual os falantes negociam sentidos, pertencimentos e modos de falar. Nesse processo, formas linguísticas locais se mantêm, se ressignificam ou passam a circular em novos ambientes, como as plataformas digitais, ampliando o alcance dessas práticas, conforme também assinala Silva (2022) ao discutir a mediação tecnológica na visibilidade dos usos linguísticos fronteiriços.

Metodologia do trabalho

Ao definir as bases para a constituição do glossário do LINFRON, levamos em consideração três momentos de levantamento de material linguístico e bibliográfico da fronteira oeste. Primeiramente, realizamos um levantamento de pesquisas nos repositórios da UNEMAT (*Gnuteca*)⁵ e no banco de dissertações e teses defendidas do PPGL⁶, com o objetivo de

5 Universidade do Estado de Mato Grosso. *Gnuteca* – Biblioteca da UNEMAT. Disponível em: <https://biblioteca.unemat.br/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

6 Universidade do Estado de Mato Grosso. *Programa de Pós-Graduação em Linguística* (PPGL) – UNEMAT. Disponível em: <https://portal.unemat.br/linguistica>. Acesso em: 14 mar. 2023.

vislumbrar o “Estado da arte” da produção científica, em Letras e Linguística, sobre as temáticas língua, fronteira e identidade. Utilizamos como parâmetro de filtragem: palavras-chave do projeto e nomes das cidades que compõem a faixa da fronteira oeste de Mato Grosso. Estes parâmetros reportaram 47 monografias, 20 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. O levantamento foi realizado entre os meses de dezembro de 2022 e março de 2023.

Após essa etapa, iniciamos a elaboração do Catálogo de Resumos de Pesquisas da Graduação em Letras e da Pós-Graduação em Linguística. Com este material, pôde-se formar um banco de dados linguísticos para as pesquisas vindouras.

Em seguida, coletamos palavras e expressões levantadas por Silva (2022) em sua pesquisa *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*, que teve como objetivo analisar os efeitos do contato linguístico entre o espanhol e o português na fronteira Brasil/Bolívia sobre o léxico dos moradores de San Matias e Cáceres. A partir dessa pesquisa, foi possível produzir 97 cartas linguísticas, em que essa cartografia revela de modo sincrônico a diversidade lexical da região, as semelhanças e diferenças no repertório entre homens, mulheres, jovens, pessoas mais velhas, mais escolarizadas, menos escolarizadas, e os efeitos dos usos linguísticos sobre as comunidades estudadas.

Além dessas fontes, temos feito buscas avançadas em *sites*, redes sociais, aplicativos, com o intuito de catalogar usos linguísticos da região que investigamos. Nesse processo, encontramos diversas variantes lexicais locais que têm circulado com bastante produtividade na paisagem linguística virtual de diferentes páginas, redes sociais e aplicativos, como por exemplo, o uso linguístico *xômano* e suas variantes.

No plano metodológico do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste*, existe uma divisão entre a *Paisagem Linguística (PL)*, que abrange os usos da língua materializados em espaços físicos, como placas, fachadas e muros, e a *Paisagem Linguística Virtual (PLV)*, que contempla os usos em ambientes virtuais, como redes sociais, *blogs*, *sites* e aplicativos. Essa divisão permite compreender de forma mais ampla a circulação, a apropriação e a resignificação das palavras na fronteira. No presente artigo, entretanto, será contemplada apenas a PLV, considerando o foco na visibilidade e disseminação dos usos linguísticos por meio das plataformas digitais da região.

Conforme Lévy (1996, p. 5), “o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”. Nessa perspectiva, não consideramos a PLV em oposição à paisagem linguística física, pois o virtual constitui uma dimensão do real que se atualiza por meio das tecnologias digitais. Assim, o ambiente virtual não substitui o espaço urbano material, mas reconfigura e amplia a circulação dos signos linguísticos, possibilitando que imagens, textos e símbolos presentes nas cidades sejam acessados, compartilhados e reinterpretados

nesse ambiente. Desse modo, as paisagens linguísticas físicas e virtuais correspondem a formas distintas de atualização da linguagem no espaço social, coexistindo e se complementando na construção de sentidos, identidades e práticas culturais.

Metodologicamente, o processo de seleção do *corpus* para a PLV seguiu critérios de representatividade e relevância para a análise dos usos linguísticos da região. Foram priorizados registros de páginas, perfis, *blogs* e redes sociais que circulam amplamente entre os habitantes de Cáceres e da baixada cuiabana, garantindo que os termos coletados refletissem práticas reais de comunicação e apropriação lexical. As capturas de tela foram utilizadas como ferramenta principal de registro, permitindo documentar a forma, o contexto e o alcance dos usos, bem como preservar a autenticidade dos dados digitais.

Para este artigo, serão analisadas seis ocorrências específicas da lexia *xômano* e suas variantes, selecionadas por representarem contextos variados de circulação, apropriação e ressignificação. Cada item lexical selecionado foi armazenado junto com informações sobre a plataforma e os *links* para mais informações.

O estudo sobre a paisagem linguística tornou-se produtivo para as pesquisas realizadas no Projeto LINFRON, dado o interesse em observar as línguas e suas variedades em funcionamento nos espaços públicos, ressaltando as peculiaridades linguísticas de cada cidade, sobretudo o intercâmbio que ocorre entre elas.

Sobre os usos linguísticos locais encontrados em circulação na internet, Macedo- Karim e Szubris (2024, p. 7) explicam que há um progressivo movimento de inserção desses usos devido à grande adesão das pessoas às plataformas de *e-commerce*, aplicativos de serviços e de perfis em redes sociais. Desse modo, as autoras consideram a paisagem linguística digital como uma extensão da paisagem linguística física, de modo que ela dissemina e amplia o conhecimento sobre os usos linguísticos das cidades e produz novas interações entre os falantes nesse ambiente, fortalecendo identidades.

Para Hall (2006), a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim uma construção social e histórica, constantemente negociada e renegociada. Sendo assim, ao observarmos a circulação e os diferentes modos de significação de *xômano*, veremos as conexões que são produzidas.

Para este trabalho, nossa questão-problema é: como o uso linguístico *xômano* e suas variantes têm sido ressignificados na paisagem linguística virtual? A fim de responder a essa questão, analisaremos 6 ocorrências retiradas de diferentes plataformas. Esses exemplos permitem observar como o termo circula na PLV e seus efeitos para os usuários das plataformas.

Análise dos dados

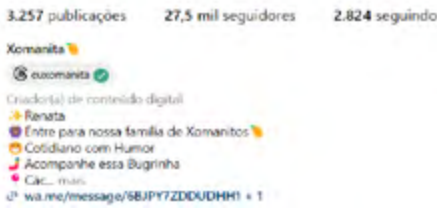
Concentraremos nossa atenção no vocábulo *xômano*⁷ e suas variantes, examinando sua ocorrência, identificando padrões de circulação e significação e buscando compreender como uma expressão historicamente estigmatizada se transforma em marcador positivo de uma identidade regional.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 com a seleção do *corpus* de pesquisa. Trata-se de 6 exemplos em que aparecem *xômano* e variantes.

Quadro 1. Seleção do *corpus* de pesquisa

Uso linguístico	Imagem	Onde circula?
01. <i>Xomano pesca</i>	 xomano.pesca ... Rafael Xomano Pesca 88 posts · 733 seguidores · 891 seguindo Meu novo Instagram agora, vem pescar com xomano 🐟 📍 Rafael Xomano Pesca Fonte: https://www.instagram.com/xomano.pesca/ Acesso em: 24 set. 2024.	Instagram
02. <i>Gordas Xômanas</i>	 LUTE COMO UMA GORDA Leitendo os Estudos do Corpo Gordão para além dos neurais da Universidade GORDAS XÔMANAS! 📅 LUTE COMO UMA GORDA 📅 23 de agosto de 2019 📍 ATIVISMO GORDO FEMINISMO GORDO gordas xômanas RESISTÊNCIA 📍 LUTE COMO UMA GORDA 📍 ativismogordo feminisnogordo gordasxômanas LUTE COMO UMA GORDA Fonte: https://lutecomoumagorda.home.blog/2019/08/23/gordas-xomanas/ Acesso em: 24 set. 2024.	Blog

7 No estudo da lexia *xômano* e de suas formas derivadas, observamos a ocorrência de variações gráficas, tanto com acento circunflexo (*xômano*) quanto sem acentuação (*xomano*) e com a letra (X) maiúscula e minúscula (x), sem que se identifique um padrão ortográfico estável. Essa oscilação gráfica demonstra a circulação de diferentes formas em usos escritos e discursivos distintos.

03. Cervejaria Xomana	 Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/cevejariaxomana/. Acesso em: 18 jun. 2024.	Facebook
04. Xômana Lisa Pantaneira	 Fonte: https://sacolas.artistasdobrasil.com/2024/04/04/xomana-lisa-pantaneira///. Acesso em: 18 jun. 2024.	Página web
05. @euxomanita	 Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/euxomanita/. Acesso em: 24 set. 2024.	Instagram

06. Rastapé Xomanitas	Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/kulhallcaceres/ Acesso em: 10 out. 2024.	Instagram
-------------------------------------	---	-------------------------

Fonte: Elaboração própria

Segundo o *Dicionário Informal*⁸, *xômano* é uma gíria popular de Mato Grosso, principalmente utilizada em Cuiabá, Várzea Grande e Cáceres, e que significa amigo, colega, cara, camarada, mano, parceiro etc. Não é usada no feminino, mas, nos últimos anos, com o fortalecimento do feminismo na região, as mulheres também começaram a usar essa expressão na forma *xômana*.

No exemplo 01, “*Xomano Pesca*”, observamos como o vocábulo *Xomano* se combina com outros lexemas para criar expressões compostas que carregam significado cultural e identitário. Nesse caso, a palavra atua como marcador local, reforçando traços do falar regional. A associação com a palavra “pesca” remete ao homem pescador, figura tradicional do Pantanal, e às práticas cotidianas ligadas à pesca e à vida ribeirinha, que configuram parte integrante da cultura material e simbólica da região. Essa relação entre léxico e modo de vida dialoga com a imagem do perfil, ressaltando o vínculo entre o meio natural, a experiência cultural e o imaginário social local.

Do ponto de vista identitário, Hall (2006) explica que a identidade não é um traço fixo ou essencial, mas um ponto de produção, continuamente reconstruído nas práticas sociais e discursivas. Nesse sentido, o uso e a circulação de expressões como *Xomano Pesca* constituem uma prática identitária que reforça e ressignifica o pertencimento à comunidade local.

O Instagram, nesse sentido, enquanto rede social, favorece a interação direta entre falantes, reforçando a construção de sentidos identitários positivos. Assim, a plataforma amplifica a circulação da língua local, atuando como espaço de construção comunitária

8 DICIONÁRIO inFORMAL. *Diferença entre Xômano e parceiro*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/xomano/parceiro/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

e identidade digital, aproximando moradores, ex-moradores e interessados da cultura da região, consolidando Xômano como símbolo linguístico e cultural regional.

No exemplo 02, “*Gordas Xômanas*”, retirado do *blog Lute como uma Gorda*, observamos como o vocábulo *xômano* é ressignificado por meio da flexão de gênero para *xômana*, articulando-se a uma pauta feminista e de valorização dos corpos gordos. Essa ação foi idealizada pela profa. Dra. Malu Jimenez, que à época realizou seu doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. A autora publicou sua tese de doutorado *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020) e o livro *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020).

No *blog*, é apresentado o contexto de designação do coletivo de mulheres, que insere o uso linguístico *xômanas* na expressão *Gordas Xômanas*. A palavra *xômana* é derivada de *xômano*, comumente usada para se dirigir apenas ao público masculino, mas como aponta a autora, “com o fortalecimento do feminismo na região, as mulheres também começaram a usar essa expressão *xômana*”. Assim, ao agregar a palavra *xômana* na designação do coletivo, atribui-se o uso para significar a união de mulheres que têm o objetivo de levar conhecimento à sociedade, a fim da valorização e o combate aos estigmas em relação aos corpos gordos. Trata-se de uma apropriação de um termo, originalmente masculino, que se ressignifica em um contexto de uso específico, contribuindo para o empoderamento feminino.

Nesse contexto, o uso do termo *xômana* explicita um processo de incorporação linguística resultante do contato social, cultural e especialmente linguístico, visto que ao realizar seu estudo de doutorado em Cuiabá na UFMT, teve contato com o léxico local, que assim como o caso dos cacerenses, por muito tempo esteve estigmatizado em Cuiabá, e agora é mobilizado para produzir sentidos novos e positivos, conectando identidade local, corpo e ativismo social.

A situação exemplifica a relação entre contato linguístico e transformação de sentidos lexicais, conforme proposto por Weinreich (1953), que entendia o contato de línguas e variedades como um espaço de influência mútua, adaptação e, sobretudo, inovação linguística. Nesse caso, a circulação digital do termo, mediada pelo *blog*, permite que falantes de diferentes contextos e regiões interajam com a lexia, tenham interesse em saber mais sobre a cultura mato-grossense e, dessa forma, construam novos modos de ressignificação do termo.

No exemplo 03, “*Cervejaria Xomana*”, o termo *Xomana* ultrapassa sua função lexical cotidiana e passa a atuar como marca comercial, carregando significados culturais e simbólicos da identidade do cuiabano. Ao ser incorporado ao nome de um produto, o vocábulo funciona como instrumento de comunicação e valorização da cultura regional, aproximando consumidores que compartilham essa identidade, como os cacerenses,

criando uma conexão afetiva a partir do linguístico. A escolha do nome demonstra o caráter estratégico do léxico, pois agrega valor emocional e cultural à marca, tornando-a reconhecível e memorável, e transformando um termo antes estigmatizado em símbolo positivo de pertencimento e orgulho local.

Assim, a presença desse uso em diferentes PLVs, por meio de publicidade ou mesmo em um simples *post*, “favorece a argumentação na venda de produtos e serviços, no intuito de estabelecer uma proximidade com o público local e externo” (Macedo-Karim; Szubris, 2024, p. 351).

Outro aspecto relevante nesse exemplo, é a participação de mulheres em um setor historicamente dominado por homens. De acordo com o *site Science of Beer Institute*⁹, na antiguidade, a cerveja era considerada um alimento e, nesse contexto, sua produção estava inserida nas tarefas domésticas desempenhadas pelas mulheres. Ao longo dos séculos, contudo, a produção de cerveja tornou-se um espaço majoritariamente masculino. Nos últimos anos, com a popularização das cervejas artesanais e os movimentos em prol da maior representatividade feminina em diferentes setores da sociedade, as mulheres têm retomado sua relação com a bebida tanto como consumidoras quanto produtoras e gestoras de negócios cervejeiros em diversas partes do mundo.

Podemos observar que o uso linguístico *xomana* nos dois exemplos apresentados, além de demarcar a identidade local, por meio da variação linguística, também indica que são escolhas políticas que demonstram o fortalecimento do protagonismo feminino na região.

Além disso, a circulação do vocábulo, neste caso no Facebook, potencializa, tanto como no Instagram, a divulgação da marca, atingindo públicos que vão além do espaço físico de produção, reforçando a presença da identidade mato-grossense em outras regiões. Nesse sentido, *Xomana*, enquanto marca, funciona como veículo de difusão cultural, reforçando o valor econômico do produto e a consolidação de elementos identitários regionais, ao mesmo tempo em que demonstra o potencial estratégico do léxico local no ambiente virtual.

No exemplo 04, “*Xômana Lisa Pantaneira*”, observa-se a adoção do vocábulo *xômano* no campo da arte e da cultura, incorporado a produções visuais que reinterpretem símbolos da identidade pantaneira. O quadro associado à obra não representa a tradicional *Monalisa*, mas sim uma capivara, animal emblemático do Pantanal, reforçando o vínculo com a fauna local e destacando elementos culturais regionais.

9 SCIENCE OF BEER. *Valorização das mulheres no mercado cervejeiro é uma das bandeiras do Science of Beer*. Disponível em: <https://www.scienceofbeer.com.br/br/post/valorizacao-das-mulheres-no-mercado-cervejeiro-e-uma-das-bandeiras-do-science-of-beer>. Acesso em: 14 jun. 2024.

Desenhada pelo artista Rodrigo Piasecki, inicialmente planejada como uma capivara roqueira, com *piercing* e tatuagens, a obra ganhou uma nova perspectiva a partir da sugestão de sua namorada, que propôs a ideia de transformá-la em uma “capivara Monalisa”. Com o título *Xômana Lisa*, Rodrigo buscou remeter ao tradicional dialeto cuiabano, no qual a palavra *xômana* significa amiga, colega, parceira, atributos que ele via refletidos na própria capivara. A obra foi concebida para celebrar a cultura local de Cuiabá, integrando elementos simbólicos como o vestido de chita, a cadeira de plástico dos clássicos *food trucks* de baguncinha¹⁰ e o cenário do pantanal, articulando humor, tradição e pertencimento cultural. Trata-se de uma releitura estética e cultural, na qual o termo deixa de ser apenas um marcador do falar mato-grossense e se torna um recurso artístico e identitário, articulando tradição local, humor e valorização do patrimônio simbólico da região.

O vestido de chita é símbolo da cultura popular brasileira, podendo ser encontrado como vestimentas em danças tradicionais das cidades mais antigas de Mato Grosso. Já o baguncinha foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial do município de Cuiabá pela lei nº 6.786/2022, medida que visou valorizar a cultura e a gastronomia regional na capital. A capivara também é um símbolo do Pantanal e símbolo de preservação das espécies “guarda-chuvas”¹¹.

O uso da palavra *xômana*, no título da obra, dialoga com o nome original “Mona Lisa” que, de modo literal, pode significar “senhora Lisa” e, ao mesmo tempo, o ressignifica, associando-o à cultura e à variedade linguística mato-grossense. A designação *Pantaneira* localiza a obra e a personagem em um contexto específico, o Pantanal Mato Grossense, reforçando a identidade da personagem como parte integrante da natureza e da cultura local.

Segundo Hall (2006), a identidade é uma construção que se dá continuamente nas práticas sociais e nos significados atribuídos a símbolos culturais. Dessa forma, a incorporação de *xômana* em contextos artístico-digitais exemplifica como uma expressão linguística se conecta a práticas culturais.

No exemplo 05, “@euxomanita”, perfil de Instagram da influenciadora cacerense Renata Mariana dos Santos Lins, observa-se a circulação do vocábulo *Xomanita*, versão diminutiva e afetiva de *Xômano*, em conteúdos que abordam o cotidiano da cidade, eventos culturais

¹⁰ Baguncinha é um lanche típico da baixada cuiabana e de Cáceres, geralmente composto por hambúrguer, queijo, ovo e outros complementos, vendido em carrinhos ou *food trucks* nas ruas da cidade. É conhecido pelo sabor marcante e pela forma descontraída de consumo, sendo parte da cultura local de alimentação de rua.

¹¹ PONTES, S.; JUNIOR, R. Dia Internacional da Capivara: animal é símbolo de preservação de espécies ‘guarda-chuva’, dizem pesquisadores de MT. *Portal G1 Mato Grosso*, Cuiabá, 14 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/09/14/dia-internacional-da-capivara-animal-e-simbolo-de-preservacao-de-especies-guarda-chuva-dizem-pesquisadores-de-mt.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2024.

e aspectos da vida local. A forma diminutiva *Xomanita* reforça a dimensão afetiva do termo, aproximando o falante do objeto de referência e criando vínculos de pertencimento e intimidade com a cultura local. É interessante notar que a desinência “-ita” não é muito comum no português brasileiro em geral, sendo mais frequente “-inha”; entretanto, em contextos de fronteira, a influência do espanhol contribui para a adoção de “-ita” como marcador diminutivo, afetivo e identitário (Silva, 2022).

A escolha do nome busca criar uma identidade única e o vínculo com o público local. Podemos observar no recorte 5 que, pela importante atuação da influencer em ações sociais, ela recebeu uma Moção de Alausos na Câmara Municipal de Cáceres. Ressaltamos que o nome artístico da influencer digital aparece, em destaque, na proposição aprovada pelo plenário. Na *bio* do Instagram, encontramos a palavra “xomanitos” para se referir aos seguidores da influencer.

Em busca realizada no Google com o termo *xomanita*, foram identificados 4.210 resultados, majoritariamente associados a publicações e vídeos da influenciadora digital cacerense Renata Lins. Esse dado indica a forte vinculação do termo à sua produção de conteúdo e à sua circulação nas redes sociais. No entanto, esses resultados não permitem afirmar, de forma categórica, que a influenciadora tenha sido a primeira a utilizar ou a difundir a palavra.

Para sustentar tal hipótese, seria necessário um mapeamento cronológico das ocorrências mais antigas do termo em suas postagens, bem como a verificação de possíveis usos anteriores em outros contextos. Assim, é possível apontar, de maneira preliminar, que a influenciadora possa ter desempenhado papel relevante na popularização do termo no ambiente virtual local, o que contribui para sua difusão e reconhecimento na comunidade.

Vale ressaltar que os influenciadores digitais têm, na sociedade atual, um papel cada vez mais importante na disseminação de novas ideias e tendências, incluindo a criação de novas palavras e expressões. No caso do nome *xomanita*, podemos identificar que o uso não se restringiu à figura da influenciadora, e que a palavra, paulatinamente, está sendo agregada ao léxico comum de Cáceres, sendo utilizada em outros contextos e fora das redes sociais.

A atuação de influenciadores digitais, como @euxomanita, demonstra o papel estratégico dessas figuras na visibilidade e difusão de usos linguísticos regionais, atingindo milhares de seguidores e criando redes de circulação rápida e ampla. Nesse contexto, a variante *xomanita* deixa de ser apenas uma expressão oral ou local, tornando-se um recurso identitário e simbólico, capaz de representar o orgulho cacerense e o pertencimento à cultura pantaneira.

Por último, no exemplo 06, “*Rastapé Xomanitas*”, trata-se de um *post* que anuncia um baile em Cáceres, utilizando o vocábulo *xomanitas* como parte do nome do evento. A escolha do termo demonstra a incorporação do léxico local em contextos culturais e de lazer, reforçando o caráter identitário e afetivo do diminutivo. O uso de *xomanitas*, assim como no exemplo anterior, demonstra a circulação de um uso linguístico típico da cidade, que transita entre o espaço físico e o virtual, consolidando-se como marcador de pertencimento e expressão da cultura cacerense.

Considerações finais

Partindo das análises dos usos linguísticos de *xômano* e derivados, podemos concluir que a PLV se consolidou como um espaço privilegiado de circulação e aceitabilidade da variação linguística regional. Esse ambiente propicia a criação e difusão de novas palavras e sentidos e ressalta a dinâmica e a complexidade dos processos de variação, reforçando que a língua atua como elemento central na constituição das identidades sociais e culturais dos habitantes da região de Cáceres e da fronteira oeste do Brasil.

Observa-se que os novos usos linguísticos surgem a partir de demandas das transformações sociais e culturais, como o protagonismo feminino na região, a participação em movimentos sociais, a liderança em negócios locais e a influência digital. Ao mesmo tempo, esses usos representam formas de resistência e valorização das identidades locais, manifestadas pela apropriação, adaptação e recriação de formas linguísticas tradicionais, como no caso do quadro *Xômana Lisa Pantaneira*, que integra humor, cultura popular e símbolos locais.

Outro ponto relevante é a influência do contato linguístico na região, visível na adoção de desinências como “-ita” em *@xomanita*, que refletem aproximações com o espanhol e contribuem para a afetividade e a proximidade na comunicação. A circulação desses léxicos nos ambientes digitais, como Instagram, Facebook e *blogs*, demonstra, ainda, a centralidade da PLV, que funciona como espaço de visibilidade e ressignificação de usos linguísticos, permitindo que expressões historicamente estigmatizadas, como *xômano*, sejam reinterpretadas de forma positiva e incorporadas como marcadores identitários cacerenses.

A pesquisa realizada contribui para o *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste*, cuja proposta é registrar a diversidade lexical da região a partir de múltiplas fontes, incluindo mídias digitais, registros orais e contextos presenciais. Além disso, os achados reforçam a necessidade de se observar a circulação e difusão das palavras, considerando os processos de significação, apropriação afetiva e construção de pertencimento que elas carregam.

Por fim, este estudo demonstrou que os usos linguísticos regionais, especialmente aqueles relacionados a *xômano* e suas variantes, funcionam como traços da memória cultural, do reforço identitário e da visibilidade social e que, mesmo em contextos digitais, a língua continua desempenhando um papel estratégico na construção das identidades locais, na articulação de valores culturais e na promoção de formas de expressão inovadoras e afetivamente significadas.

Referências

GORTER, D. Linguistic landscapes in a multilingual world. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 33, p. 190-212, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *Language Contact and Grammatical Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JIMENEZ JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

JIMENEZ JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. Rio de Janeiro: Philos, 2020.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. *Journal of Language and Social Psychology*, Montréal/Québec, v.16, n. 1, p. 23-50, 1997.

LEVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACEDO-KARIM, J.; SZUBRIS, E. B. Usos linguísticos regionais na paisagem linguística de Cáceres-MT: processos identitários. *Entreletras*, Araguaína, v. 15, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/17608>. Acesso em: 15 set. 2024.

MACEDO-KARIM, J. *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACEDO-KARIM, J.; KARIM, T. M. A vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar da comunidade de Cáceres no Alto Pantanal de Mato Grosso. *Revista Ecos*, v. 1, p. 250–269, 2014.

SILVA, F. J. da. *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.

SZUBRIS, E. B. *Cáceres e região: nomes que fazem história*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2014.

THOMASON, S. G. Contact explanations in linguistics. In: HICKEY, R. (ed.). *The Handbook of Language Contact*. Oxford: WileyBlackwell, 2010.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1953.

WINFORD, D. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.